



Crônica: Gênero Dissertativo? Uma Análise da Crônica “Praia do Futuro/31 de Março”, de Demitri Túlio¹

Vicente BEZERRA NETO²
Faculdade 7 de Setembro, Fortaleza, Ce

Resumo

Este artigo objetivou analisar a crônica Praia do Futuro/31 de Março, de Demitri Túlio, publicada na coluna “Das Antigas” pelo jornal O Povo. O estudo partiu de reflexões sobre linguagem de Austin (linguagem como interação) e Koch (a situação de comunicação define a linguagem), Bakhtin e Marcuschi, sobre a influência mútua entre gêneros textuais e práticas sociais; discutiu conceitos contemporâneos sobre o gênero e apresentou a tese de Simone Ferreira: crônica, quanto ao tipo, é gênero dissertativo e narrativo, ao invés de essencialmente narrativo. A partir dessa tese, identificamos na crônica analisada a característica universal do gênero: a intenção de fazer refletir a partir da mediação entre o sensível e o cognitivo do leitor. Concluímos que o texto possui caráter dissertativo e que mesmo sua narratividade é estratégia de argumentação.

Palavras-Chave: crônica; gêneros jornalísticos; gêneros textuais; tipologia textual.

1. Introdução

Iniciamos este trabalho buscando refletir sobre a questão da linguagem como interação social e sobre a problemática do gênero crônica em relação a sua definição e função. Em seguida, apresentamos o conceito de crônica de Simone Ferreira. Essa autora faz um levantamento num corpus de 200 crônicas de meados do século XIX ao início do século XXI, por meio do qual investiga a tipologia do gênero e constata seu caráter dissertativo, ao contrário da posição da maior parte dos teóricos contemporâneos que preferem classificá-lo tipologicamente como texto necessária e essencialmente narrativo. Objetivamos, a partir de seu conceito, analisar uma crônica de Demitri Túlio, publicada na coluna *Das Antigas*, no Jornal O Povo.

Escolhemos estudar o gênero crônica por sua importância social, o que é perceptível pela sua larga utilização em jornais e revistas brasileiras e pela sua presença constante nas salas de aula, onde é usada como instrumento de estímulo à leitura. A necessidade de refletir o gênero conceitualmente nos atingiu por dois motivos, sendo o

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 2º. semestre do Curso de Jornalismo da Fa7, email: vicente.obs@gmail.com



primeiro e mais importante o fato de que temos encontrado, no decorrer de nossos estudos, muitas definições que quase sempre só confundem, que se contradizem ou mesmo que nada informam, pois que são muito abstratas como “Crônica é tudo o que se chama assim” (SABINO, apud Sá, 1985, pág. 28); em segundo lugar porque tal problemática conceitual se reflete nos livros didáticos e dificulta a compreensão e classificação do gênero por parte dos estudantes.

Partimos de teóricos que discutem a natureza social da linguagem. Igualmente nos aproximamos daqueles que investigaram os gêneros do discurso como moldes para as experiências comunicativas, relativamente estáveis, mas não congelados no tempo, posto que as demandas sociais também lhe propiciam mutações. Daí, constatamos a natureza heterogênea dos textos, já que diversas são as necessidades comunicativas que lhes dão origem. Qualquer texto, pois, possui uma função social/comunicativa e a da crônica, por mais variadas as formas que ela tenha apresentado tem sido a de fazer o leitor refletir num plano que fica entre a sensibilidade e a cognição. Essa consideração nos leva a reconhecer a argumentatividade do gênero, ainda que, muitas vezes, seja por meio da narratividade, da sucessão de fatos, que o cronista leve a termo seu objetivo de fazer refletir (nesses casos, o autor narra recursivamente, para confirmar ou defender uma tese).

Pontuamos ainda algumas questões a cerca de conceitos contemporâneos do gênero e apresentamos, por fim, a proposta de Simone Ferreira – que nos serviu de base para a análise da crônica Praia do Futuro/31 de Março, do jornalista Demetri Túlio. Este autor foi escolhido porque os textos de sua coluna, publicada tanto em versão impressa como na internet, narram episódios do cenário urbano e se prestaram à investigação de nossa hipótese – a de que a crônica pode apresentar caráter dissertativo, mesmo quando narra.

2 Referenciais Teóricos

2.1 Linguagem e Gêneros Textuais

Segundo Austin (1990), a linguagem é interação. Para ele, o dizer é um fazer, pois qualquer ato de proferir implica numa ação como julgar, elogiar, ofender, agradecer, confessar, dentre outras ações possíveis de serem realizadas através do discurso.

As práticas culturais têm uma natureza dinâmica e plural, o que pode ser auferido pela variação de experiências humanas verificáveis no tempo e no espaço. A



linguagem, por seu turno, apresenta tais variações. Nossa comunicação se estabelece por meio de textos, que podem se manifestar na modalidade escrita ou oral, cada uma oferecendo numerosas possibilidades de formatos e suportes e a serviço de diferentes funções sociais. O uso da linguagem desta ou daquela maneira é definido pela situação de comunicação, como nos coloca Koch (2009).

Se as variações são inerentes à linguagem dada à sua relação com a cultura, por um lado, por outro, também é possível verificar certos padrões, certas repetições de elementos e características vinculadas a determinados tipos de situações comunicativas. Esses padrões continuam sensíveis às transformações culturais – portanto não são absolutos nem imutáveis. Mas a própria necessidade de facilitar a comunicação impele os atores-comunicadores sociais a fixarem certos modelos para certas situações, daí podermos falar da existência de gêneros textuais ou gêneros do discurso.

Assim entende Bakhtin (2000, p.302):

Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo (...). Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo de fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.

Os gêneros não negam a diversidade das experiências sociais, uma vez que são também numerosas as possibilidades de classificação de um texto como exemplar deste ou daquele gênero. Seguimos com o pensamento de Bakhtin (2000, p.265).

Os domínios da atividade humana, por mais variados que sejam, estão sempre ligados à utilização da linguagem. Nada de espantoso que o caráter e o modo dessa utilização sejam tão variados como os próprios domínios da atividade humana, o que não entra em contradição com a unidade de uma língua. A utilização de uma língua efetua-se sob a forma de enunciados concretos, únicos (orais e escritos) que emanam dos representantes de um ou outro domínio da atividade humana.

O aprendizado de uma língua, em suas situações concretas de interação social implica, portanto, no reconhecimento e na produção de gêneros textuais. Percebemos nos padrões que estão colocados para cada época e comunidade a necessidade de adequarmos nossos enunciados e reproduzimos o modo de dizer até que



outras forças sociais, a partir de suas próprias necessidades comunicativas, atuem e atualizem os modelos antigos. Neste sentido, os gêneros textuais podem ser definidos como “tipos relativamente estáveis de enunciados” elaborados em “cada esfera de utilização da língua”, conforme Bakhtin (2000, p.265). Os gêneros textuais, pois, não apenas são influenciados pelas dinâmicas sociais, mas também servem de orientação para as próprias práticas comunicativas de uma comunidade. Marcuschi (2002) é quem nos chama atenção nesse sentido: “[...] fruto de trabalho coletivo, os gêneros textuais contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social altamente maleáveis, dinâmicas e plásticas”.

Dentre os gêneros que são produzidos na contemporaneidade citamos alguns: carta, bilhete, e-mail, convite, anúncio, aviso, memorando, comunicado, ata, bula, conto, romance, ensaio. No âmbito do jornalismo temos a notícia, a reportagem, a entrevista, o editorial, o artigo, a crônica etc. Alguns são de classificação mais simples; para outros a tarefa se mostra extremamente complexa: este é o caso do gênero *crônica*, que examinaremos a seguir.

2.2 Crônica: um gênero, muitas questões

É cada vez mais comum o uso de textos de cronistas nas escolas brasileiras. Também têm se tornado numerosos os estudos que observam os elementos característicos dos textos chamados de crônica buscando uma classificação tipológica mais eficiente. Como já colocamos anteriormente, textos são objetos heterogêneos. É grande a diversidade de categorias produzidas, o que dificulta sobremaneira o trabalho dos pesquisadores e colabora para que as tipificações sejam, ainda, imprecisas, sobretudo no caso da crônica, gênero relativamente recente em termos de produção e principalmente de estudo.

As diversas tentativas de definição existentes na contemporaneidade apresentam ainda muitas contradições. Uma questão que ainda divide teóricos da literatura, por exemplo, é a de considerar a crônica um gênero literário ou não (FERREIRA, 2005, p.12).

No âmbito do jornalismo, José Marques de Melo, contudo, considera o gênero conceitualmente dominado, quando nos diz: “No jornalismo brasileiro a crônica é um gênero plenamente definido”. MELO (2003, p.148-149).

Citando Paulo Ronai, o autor prossegue:



Para qualquer brasileiro a palavra *crônica* tem sentido claro e inequívoco, embora ainda não dicionarizado; designa uma composição breve, relacionada com a atualidade, publicada em jornal ou revista. De tal forma esse significado está generalizado que só mesmo os especialistas em historiografia se lembram de outro, bem mais antigo, o de narração histórica por ordem cronológica. (*apud*, MELO, 2003, p.149)

Mesmo tendo colocado a questão conceitual como encerrada dada a suposta clareza do sentido de *crônica* para os brasileiros, alguns parágrafos depois Melo nos apresenta um fato que nos aponta que ainda há problemas quanto ao emprego do termo, ainda que considerado apenas na esfera do jornalismo brasileiro:

“Mesmo entre nós [brasileiros], ainda é comum usar a palavra *crônica* para designar, além do gênero que adquiriu especificidade incontestável no jornalismo, outras formas de expressão noticiosas mais próximas da reportagem. Fala-se, por exemplo, de ‘*crônica social*’, ‘*crônica policial*’, ‘*crônica teatral*’, etc.” (MELO, 2003, p.149).

Colocamos aqui duas questões: se está claro para o brasileiro o que é *crônica*, no âmbito do jornalismo, por que ainda se utiliza o mesmo termo para designar modalidades tão diferentes de texto? E, se a *crônica* é uma composição breve, publicada em periódicos noticiosos e relacionada com a atualidade, por que nos é possível encontrar tantos textos chamados de *crônicas*, que embora breves e publicados em jornais e revistas, tratam de objetos e eventos sem nenhuma relação com as notícias (atualidades) do veículo em que foi publicado ou com qualquer fato recente?

A cerca das funções da *crônica* e de seu suporte – o periódico – , Dimas diz o seguinte:

A função cardeal de um periódico é a de informar, por meio de uma linguagem unívoca, sem margem para a ambigüidade. E, dentro das páginas de um jornal, peçadas de informações rigorosas, a *crônica* funcionaria como um descanso para o leitor, na medida em que ela se constrói a partir de um evento qualquer, porém moldada numa linguagem que tende para a ambigüidade. (DIMAS, *apud* FERREIRA, 2005, p.31).



Chamamos atenção, nessa colocação, para o fato de que o autor desobriga a crônica de partir apenas de atualidades, uma vez que pode tratar de um evento qualquer. Além disso, admite que a leveza do gênero dialoga com a seriedade do texto jornalístico, possibilitando ao leitor um equilíbrio, na medida em que permite ao leitor um relaxamento em relação à objetividade da notícia – com o que concordamos.

Seria pois a crônica o texto breve e leve, originalmente publicado em jornal ou revista e de caráter eminentemente narrativo, uma vez que parte da narração de um evento qualquer? Do ponto de vista tipológico, a tendência dominante entre os pesquisadores é a de considerar a crônica essencialmente – ou mesmo necessariamente – narrativa. A tese defendida por Simone Ferreira e à qual aderimos aqui é a de que a crônica é gênero do tipo dissertativo e narrativo. FERREIRA (2005, p.131). Mais que isso, sua pesquisa aponta uma tendência de predominância da estrutura dissertativa nas crônicas produzidas no Brasil (ver tabela reproduzida no anexo 1), nas últimas três décadas. FERREIRA (2005, p.116).

Segundo ela, uma incoerência comum à maioria desses estudiosos é classificar a crônica como gênero narrativo mas, ao apresentar suas definições, apontar que há outras formas de estruturá-la – o que seria, segundo se coloca, uma característica do próprio gênero. Quando pesquisadores e livros didáticos chamam a crônica de gênero narrativo, ao se depararem com a diversidade de formas que os textos chamados de crônicas podem assumir, boa parte deles portadores de inegável teor argumentativo, criam conceituações confusas quanto aos critérios, sobretudo quando tentam subclassificar os textos. Os critérios não são claros ou simplesmente inexistem, havendo muitas vezes a variação da nomenclatura sem correspondente mudança no significado da definição (ver, no anexo 2 deste trabalho, as 23 diferentes subclassificações encontradas pela autora).

Para sustentar sua proposta de classificação da crônica como gênero dissertativo e narrativo, Ferreira se apóia nos dados encontrados em um corpus formado por 200 crônicas de diferentes períodos, entre 1877 e 2004. Foi analisada a predominância de determinados tipos de textos e também seus produtos finais – levando em conta a perspectiva do enunciador em relação ao seu objeto e considerando o modo como o enunciador instaura seu interlocutor. Além disso, a autora observou o objetivo do enunciador e como as categorias de determinados tipos de texto estão presentes nas crônicas contribuindo para que o enunciador alcance seu objetivo.

Por fim, a pesquisadora concluiu que:



Crônica é um gênero de texto em prosa cuja função social/comunicativa é fazer refletir através da análise ou do relato de episódios, subjetivamente, por intermédio de um autor-narrador, que procurará fazer acontecer essa análise na mediação entre o cognitivo e o sensível do leitor. Para tanto, esse autor-narrador se utilizará de categorias da super-estrutura dissertativa ou narrativa, respectivamente. (FERREIRA, 2005, p. 131).

Utilizamos essa contribuição de Ferreira neste trabalho para analisar a crônica a seguir, escolhida aleatoriamente entre os textos da coluna *Das Antigas*, publicada no jornal O Povo (Fortaleza-Ce), de autoria de Demitri Túlio.

3. Análise

Praia do Futuro/31 de Março

Demitri Túlio

Os textos da coluna *Das Antigas* possuem características do gênero narrativo e assim poderiam ser classificados se considerássemos apenas a sucessão de fatos. No entanto, analisando características outras, como o estilo, a relação entre o texto e o suporte, o modo como o autor instaura seu interlocutor, teremos elementos para identificar as características argumentativas/dissertativas de suas crônicas.. Buscamos evidenciar, segundo o conceito de Ferreira, a função social/comunicativa da crônica de *fazer refletir*, seja através de uma narrativa ou de comentários e análises, pois esta abordagem nos permite perceber um traço essencial entre tantas maneiras de se fazer crônica.

Consideremos pois que *Das Antigas* foi inicialmente publicada no Caderno de Automóveis do jornal O Povo, suplemento que divulgava os últimos lançamentos do mercado nesse setor. As crônicas de Demitri não comentam as notícias sobre tais lançamentos, não se preocupam com a atualidade dos fatos. Mas são escritas para um leitor aficionado por carros e por isso, todas elas têm como mote um fato que se relaciona com carros, motos, ônibus, trânsito ou com as cenas urbanas que permearam os itinerários desses aficionados. Permearam porque o autor, como sugere o próprio nome da coluna, relata episódios passados. Aqui está o primeiro nível de argumentatividade de *Das Antigas*: o autor busca seduzir o leitor ao falar de temas do

mundo dos veículos; como também estabelece um vínculo, uma proximidade entre autor e leitor ao narrar fatos de experiências comuns para ambos, no tempo e no espaço. Demitri Túlio instaura seu leitor como alguém de sua geração ou um pouco mais velho e que, assim como ele, viveu em Fortaleza e presenciou as cenas que agora ele traz às páginas do jornal. Neste nível, o autor, a partir do próprio fazer, convence seu interlocutor de que seu texto deve ser lido: porque ali o leitor se reconhece, porque autor e leitor são iguais nas experiências vividas, pertencem a um mesmo grupo social.

Vejam na crônica escolhida como, já no primeiro parágrafo, o autor situa o leitor no tempo e no espaço. Note-se outrossim (nossos grifos) que o uso de expressões da comunidade lingüística comum a autor e leitor também reforça o vínculo entre ambos:

Depois do assalto ao Banfort, em 1987, titia renovou o estoque de peças íntimas. Roupas de baixo. *Calçolas e califons*. Sabia-se lá. Feita refém, poderia passar uma tremenda vergonha. O susto, o risco de ir dessa para outra ou perder a *mixaria* da poupança era o de menos. *Besteira*. Ridículo mesmo, de corar as maçãs, seria ficar seminua de calcinha furada ou com um elástico dado nó. *Folosada*. Frouxa. E o soutien? Lingerie gasta, encardida, alças sem força. Já pensou? No outro dia a troça estaria feita. *As mariquinhas* de plantão estariam lá, palitando os dentes. Orgasmo. "*Tu viu, mulherzinha?*" No jornal, a fulana de tal... *Cinturinha feita*, barriguinha zero, pernas torneadas, busto de Sofia... *Só quer ser as pregas da rainha Elisabeth*. Hum, mas a calcinha! Rá, uma peneira". Vexame.

Seguindo com o segundo e terceiro parágrafos, constatamos que tendo partido de um fato de 1987, o autor narra outra sequência de ocorridos, todos permeados por descrição de características comuns (que vão de crenças a desejos de consumo) não apenas à personagem, mas a vários personagens que povoam o universo do autor e leitor (grifos nossos):

A neura virou psicose. Tanto que ela *não aceitava sequer vestir soutien de uma cor e calcinha de outra. Tinha que ser igual*. Nada de preto e branco, azul e verde ou sei lá o quê. Se lilás, tudo lilás. Busto e vergonhas. Nada de improvisado ou tendências. Às favas com os modismos. Ficou sugestionada de um jeito, que jogou fora até as velhinhas. Puídas. Aquelas de dormir. Quase de estimação. As usadas somente na frente de marido-vencido ou amante de dois anos pra lá. Rotina.

Traumatizada com a situação vexatória dos reféns que tiveram de ficar só de calcinhas e cuecas, *resolveu mudar antigos costumes. Um deles mexeu até com cotidianos religiosos*. Fé. Antes intocável. Chegou ao cúmulo de quebrar uma *promessa que havia feito com São Francisco de Assis. Vestiria marrom*, como roupa de baixo, até o dia que seu marido, um advogado recém-formado, *conseguiu comprar um*



carro. Um fusca que fosse. Alguma coisa que a livrasse, por exemplo, do incômodo de pegar ônibus lotados. Morava no Couto Fernandes.

Em um segundo nível, é possível perceber na crônica certa defesa de um patrimônio cultural da cidade a ser preservado, qual seja, a própria memória do urbano. Informações que tanto o autor e leitor possuem e que as novas gerações provavelmente não têm acesso. Trazer tais informações a um espaço privilegiado como as páginas do jornal não apenas empresta leveza ao suporte noticioso, mas toma dele de empréstimo a noção de que aquilo que está escrito, assim como as notícias, também é importante para alguma coisa. Por isso o passado urbano *merece ser resgatado* e deve dividir o espaço do presente com as atualidades dos lançamentos automotivos, ao invés de simplesmente ser esquecido.

As descrições e narrativas que se seguem estão, pois, considerado o contexto, a função comunicativa, a serviço dessa argumentação (nosso grifo):

Era desesperador, por exemplo, pegar o Praia do Futuro/31 de Março. Um cambão da Cialtra, amarelo queimado, que fazia o estirão João Pessoa-Avenida da Universidade-Centro-Praça dos Leões-Santos Dumont até o final da venta. Viagem. Fortaleza toda se espremia dentro dele. Lata de sardinha. Entupido de farofeiro, era suicídio ir à praia aos domingos. Ainda mais com os rebentos. Mas tia gostava, paciência. Natural de Canindé, tinha verdadeiro fascínio pelo mar. Não perdia um pé-do-cachimbo. Nem naqueles dias que misturavam TPM, sol, inhaca e maiôs marrons.

Tinha também um tal de Clube de Regatas/Vila Betânia, da São Vicente de Paulo. Verde e branco. Ia da Parangaba à Barra do Ceará. De cara redonda, motor ao lado do motorista e caixinha para fichas, era outra alternativa para tia. Fazia uma verdadeira peregrinação pelo subúrbio de Fortaleza. Saía da Parangaba, pegava a João Pessoa, passava pela José de Alencar, depois Francisco Sá e finalmente a Barra. Chão. Lá, despejava a munduça na descida do estaleiro. Quem era pobre ficava por ali mesmo. Os menos lascados atravessavam de barco para o outro lado da praia. Perigo. O mar ia dentro e fora da canoa.

Outra saída para chegar à praia, era pegar qualquer ônibus na José Bastos ou João Pessoa com destino à José de Alencar ou Praça da Estação. De lá, apanhava-se outro para até o Lido, Ideal ou Náutico. De vez em quando, fim de mês, a curriola do bairro organizava piqueniques. Caminhão fretado ou cambão alugado. Mas aí, era outra conversa. O fim de linha era o Pacheco, Iparana ou Icaraí. Febres.

A narrativa do passado, com a descrição de características desse passado, para leitores que vivenciaram experiências parecidas, o tempo todo permite comparações com fatos e características do presente, fazendo o leitor ora valorizar as



transformações positivas pelas quais a cidade passou, ora perceber características negativas que persistem no cotidiano urbano. A intencionalidade do fazer refletir, como propõe Ferreira, está aí clara, apesar (ou ainda, por meio) da narração, que no caso da crônica tem caráter de estratégia argumentativa.

Acessoriamente, pontuamos que a escolha do humor e de frases curtas também se constitui em uma estratégia. Mas neste caso para cativar o leitor, para dizer-lhe que o texto é agradável de se ler, que vale à pena seguir com a leitura ou voltar à página da coluna para novos momentos de fruição. É com esse estilo então que o cronista desenvolve seu texto até o seu último parágrafo:

Pois muito bem. São Francisco, se tava pensando em mandar o fusca, desistiu após o assalto do Banfort. Titia resolveu se desfazer de suas calcinhas e sutiens marrons. Caso virasse refém, as combinações estavam gastas. Furadinhas. Fundo destiorado. Ventiladas. Elástico mole. Algumas delas, deslizando pelas pernas. Afinal, a promessa tinha mais de quatro anos. Antes de rebolar fora, pensou até em transformá-las em ex-votos. Desistiu rápido. Sacrilégio. Lixo.

(Disponível no site do Jornal O Povo::
<<http://www.opovo.com.br/www/opovo/colunas/dasantigas/113341.html>>. Acesso em: 06 jun. 2011).

4 . Considerações Finais

Procuramos com deste trabalho, por meio da análise de crônica publicada pelo jornal O Povo, evidenciar a argumentatividade desse tipo de texto. Encontramos no texto de Demitri Túlio diversas características que denotam estratégias de convencimento do leitor. Tanto estratégias de sedução para cativar o público quanto a expressão de uma visão de mundo e posicionamentos em relação a questões urbanas. Concluimos que a crônica analisada, tal como previsto no conceito de Ferreira, está a serviço de fazer refletir sobre algo, de vender uma idéia, ainda que o faça por meio da narração de episódios. Admitimos que somente o enquadramento tipológico não é suficiente para determinar o que é e o que não é crônica. Mas acreditamos que este enfoque possa contribuir para o avanço dos estudos em relação a este gênero, que tantas características diferentes pode vir a apresentar, sobretudo porque nos permite a identificar uma característica que lhe é comum. Reconhecemos, por fim, que as questões sobre gêneros textuais em geral e sobre a crônica em particular, não estão fechadas, posto que o próprio uso social pode vir a mudar a produção e o entendimento do gênero.



5 Referências

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer** : palavras e ação. Porto Alegre : Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. por M. E. Galvão Gomes. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec Annablume, 1992.

FERREIRA, Simone Cristina Salviano. **A crônica**: problemáticas em torno de um gênero. 2005. 206f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

KOCH, I; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. et al (Orgs.). *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Cortez, 2002.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. –3ª Ed. Ver. e ampl. – Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1985.

6 Anexos

6.1 Anexo 1

Tipo/época	Até o final do século XIX	Século XX até 1979	Século XX: produzidas a partir de 1980 ao século XXI
Dissertativo	68,18%	28%	65,38%
Narrativo	27,27%	69%	34,62%
Injuntivo	4,55%	2%	0%
Descritivo	0%	1%	0%

6.2 Anexo 2

Vinte e três subclassificações encontradas por Simone Salviano Ferreira em textos teóricos e livros didáticos
a) Crônica descritiva : predomina a caracterização de elementos no espaço. Utiliza-se dos cinco sentidos, adjetivação abundante e linguagem metafórica.
b) Crônica narrativa : predomina uma história envolvendo personagens e ações (enredo) que



transcorrem no tempo.

c) **Crônica narrativo-descritiva**: predomina a narração, e os trechos descritivos caracterizam o cenário e os personagens.

d) **Crônica metalingüística**: é a crônica que fala sobre o próprio ato de escrever, o fazer literário, o ato de criação.

e) **Crônica lírica**: apresenta linguagem poética e metafórica, predominando a emoção e os sentimentos.

f) **Crônica reflexiva**: o autor tece reflexões filosóficas, isto é, analisa subjetivamente os mais variados assuntos e situações.¹

g) **Crônica dissertativa**: parte, geralmente, de um fato real, mas sua finalidade principal é a reflexão e a análise. Não apresenta personagem, enredo, sentimento ou emoção; portanto, não possui valor literário, apenas científico.

h) **Crônica humorística**: normalmente, trata de assuntos políticos ou de certos costumes sociais, de maneira crítica e bem-humorada.

i) **Crônica teatral**: refere-se a crônicas que comentam peças teatrais ou as próprias condições do teatro brasileiro, aproximando-se da crítica de arte.

j) **Crônica mundana**: crônicas que retratam a vida social e urbana.

l) **Crônica visual**: fotografias sobre momentos ou temas, podendo documentar uma época ou contar, por si só, um acontecimento histórico.

m) **Crônica metafísica**: constituída de reflexões de cunho mais ou menos filosófico ou meditações sobre os acontecimentos ou sobre os homens, encontrando o autor, nos fatos, pretexto para dissertar filosoficamente.

n) **Crônica poema-em-prosa**: de conteúdo lírico, mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele carregados de significado.

o) **Crônica-comentário**: comentário dos acontecimentos, que acumula muita coisa diferente ou dispar.

p) **Crônica-informação**: mais próxima do sentido etimológico, é a que divulga fatos, tecendo sobre eles comentários ligeiros. Aproxima-se do tipo anterior, porém é menos pessoal.

q) **Crônica filosófica**: reflete, filosoficamente, sobre acontecimentos ou temas.

r) **Crônica esportiva**: comentário ou narração de eventos esportivos específicos ou de fatos ligados à organização esportiva no país.

s) **Crônica policial**: trata de comentários ou narrativas de acontecimentos relacionados à polícia ou à Justiça, ou ainda são narrativas fictícias de acontecimentos que envolvem investigação policial.

t) **Crônica política**: comentário ou narrativa de fatos políticos.

u) **Crônica jornalística**: mais próxima da linguagem jornalística da notícia e da reportagem e menos próxima da linguagem literária.

v) **Crônica conto**: quando encerra um episódio, de maneira literária.

x) **Crônica ensaio**: quando possui tom opinativo.

z) **Crônica poema**: escrita em versos.